

2024

ISSN 2177-7365

ESPECIAL "ESTUDOS
PATRIMONIAIS ELISA ZANON"

BOLETIM ESPECIAL
MUSEU HISTÓRICO
DE LONDRINA

30



Universidade Estadual de Londrina
Museu Histórico de Londrina

BOLETIM ESPECIAL
MUSEU HISTÓRICO
DE LONDRINA

30

Reitora

Prof^a. Dr^a. Marta Regina
Gimenez Favaro

Vice-reitor

Prof. Dr. Airton José Petris

Diretora Acadêmica do MHL

Prof^a Dr^a Edméia Ribeiro

Coordenação Geral

Prof^a Dr^a Edméia Ribeiro

Editores

Prof^a Dr^a Edméia Ribeiro

Comissão Executiva

Edeni Ramos Vilela
Amauri Ramos da Silva

ASAM - Presidência

Ana Rosa Lunardelli

Editoração

Marina dos Santos Galli

Fonte

Arcane Nine; Arial;
Century Gothic; Dream School

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

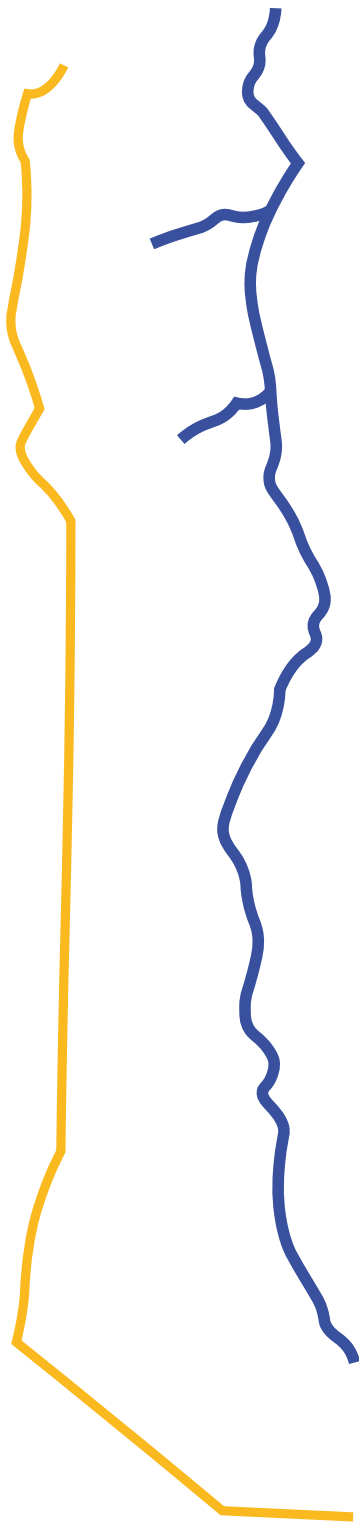
Boletim Museu Histórico de Londrina / Universidade Estadual de Londrina.
Museu Histórico de Londrina. -- Londrina - PR : Universidade Estadual de
Londrina, v.1, n. 1, jul./dez. 2009 -

Semestral

ISSN 2177-7365

1. Museologia - Periódicos. 2. Londrina -- História. 3. Universidade Estadual
de Londrina. 4. Museu Histórico de Londrina

CDU 069:981.622





SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	6
INTRODUÇÃO	8
2 A FEIRA DO CINCÃO	12
3 AS VÁRIAS FEIRAS	16
4 A FEIRA DO CINCÃO E O PATRIMÔNIO	26
REFERÊNCIAS	28
ASAM	29
NORMAS PARA PUBLICAÇÃO	30
EQUIPE TÉCNICA DO MUSEU HISTÓRICO DE LONDRINA	31
MUSEU HISTÓRICO DE LONDRINA	32



APRESENTAÇÃO

É com imensa gratidão e orgulho que apresento este boletim dedicado à Feira Livre da Av. Saul Elkind, carinhosamente conhecida como “Feira do Cincão”, um verdadeiro tesouro cultural da Zona Norte de Londrina. Este trabalho não é apenas uma análise técnica; é uma homenagem à história, à identidade cultural e ao significado social que esta feira representa para a comunidade local e para todos aqueles que têm a honra de visitá-la.

Minha ligação pessoal com os Cinco Conjuntos remonta aos dias de minha infância e adolescência, quando fui morador dessa região. Ainda hoje, meus pais ali residem, o que me proporciona uma conexão contínua e afetiva com a Feira do Cincão e tudo o que ela representa em termos de tradição, memória coletiva e laços comunitários.

As feiras livres são mais do que simples locais de comércio; são verdadeiros símbolos culturais que refletem as tradições, os costumes e os modos de vida de uma comunidade. A Feira do Cincão, em particular, é um microcosmo da riqueza cultural da Zona Norte de Londrina. Ao longo das décadas, a Feira do Cincão tornou-se um ponto de encontro, com interações sociais significativas. É aqui que as pessoas se reúnem para trocar histórias, compartilhar conhecimentos e fortalecer os laços de amizade e solidariedade que sustentam uma comunidade unida.

A importância das feiras livres como a Feira do Cincão vai além do aspecto cultural e social; elas desempenham um papel vital na preservação da identidade local e na promoção do desenvolvimento econômico sustentável. Ao valorizar os produtos locais e fomentar o comércio de pequenos empreendedores, as feiras livres contribuem para a prosperidade e o bem-estar de toda uma região.

Este boletim não apenas documenta a importância da Feira do Cincão no contexto de Londrina, mas também destaca seu valor como patrimônio sociocultural a ser preservado e promovido. Desde sua origem até sua consagração como símbolo da comunidade local e da cidade, cada barraca, cada produto, cada pessoa envolvida na Feira do Cincão tem uma história a contar, uma história que merece ser ouvida e preservada para as futuras gerações.

Convido você a mergulhar nas páginas deste boletim e descobrir por si mesmo a riqueza e a complexidade da Feira do Cincão. Que este trabalho inspire novas formas de apreciar e proteger nosso patrimônio cultural, garantindo que as feiras livres como esta continuem a ser faróis de identidade, memória e convívio comunitário em nossas cidades.

Que a Feira do Cincão e todas as feiras livres de nossa cidade continuem a prosperar como testemunhos vivos de nossa herança cultural e como espaços sagrados onde a vida comunitária floresce.

Boa leitura e que as histórias e os sabores da Feira do Cincão encantem e inspirem você, assim como encantaram e inspiraram gerações de londrinenses.

LEANDRO HENRIQUE MAGALHÃES



INTRODUÇÃO

Este Boletim faz parte do trabalho realizado pelo projeto “Preservação do Patrimônio Histórico e Cultural em Londrina: estudos de bens culturais”¹ que tem como objetivo o desenvolvimento de estudos técnicos de 10 bens de interesse cultural para a cidade de Londrina-PR. Esses estudos irão subsidiar a análise e o processo de Tombamento ou de Listagem de Bens de Interesse de Preservação em nível municipal. O projeto foi financiado pelo Fundo Municipal de Preservação do Patrimônio Artístico Histórico-Cultural de Londrina-PR e tem como proponente a ASAM – Associação dos Amigos do Museu Histórico de Londrina.

O instrumento de preservação do Tombamento está presente no Brasil desde 1937 com a criação do SPHAN (atualmente Instituto do Patrimônio Histórico-Artístico Nacional - Iphan), órgão responsável pela preservação dos bens de interesse patrimonial da nação brasileira. Desde a sua criação, os bens tombados a nível federal são inscritos em livros do tomo e podem estar em um ou mais livros, a depender de suas características e valores patrimoniais.

Existem quatro livros do tomo no Iphan: o primeiro – Livro do Tombo das Belas Artes – abrange obras que apresentam uma acentuada qualidade artística, muitas vezes reconhecidas como arte acadêmica; o segundo – Livro do Tombo Histórico – apresenta obras que estão vinculadas a momentos históricos importantes da nação; o terceiro – Livro do Tombo das Artes Aplicadas – tem um objetivo próximo ao livro das belas-artes, ligada ao interesse artístico, mas desta vez associada a função utilitária; por fim, o quarto – Livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico – engloba obras referenciais em aspectos arqueológicos e paisagísticos, como praças e bosques, e etnográfico, como representação de etnias importantes, como um terreiro de Candomblé. Em 2011 a antiga Rodoviária de Londrina, hoje Museu de Arte, foi tombado a nível federal no livro de Belas Artes.

No Estado do Paraná, o órgão responsável pela salvaguarda dos bens de interesse patrimonial é a Coordenação do Patrimônio Cultural do Paraná, ligado à Secretaria da Comunicação Social e da Cultura e um dos principais instrumentos de preservação utilizados para a salvaguarda dos bens materiais é o Tombamento. Os bens tombados são agrupados similarmente em quatro livros do tomo, com os mesmos nomes e funções dos livros do IPHAN. Em Londrina há quatro bens tombados em nível estadual, a saber: o Teatro Ouro Verde, a Antiga Rodoviária, a Praça Rocha Pombo e a Mansão Garcia.

1 Os integrantes do projeto e autores do Estudo Técnico são: Coordenadora do Projeto: Arq. Ms. Carla de Barros Caires Greve; Pesquisadora na área de Arquitetura: Amábil Lucio Campos; Pesquisadora na área de História: Ms. Pamela Wanessa Godoi; Auxiliares de Pesquisa: Douglas Keidy Marins Abe (Arq.), Ms. Gabriela Oliveira Wedekin (Arq.), Ingrid Batista Marques (Hist.), Wilson de Credro Maestro (Hist.) e representando o COMPAC a Arquiteta e Urbanista Ms. Elisa Zanon.

Posteriormente, em 2000, foi instituído federalmente o instrumento de preservação do Registro para bens imateriais, com a criação de quatro livros do registro: Saberes, Formas de Expressão, Celebração e Lugares. O Livro do Registro dos Saberes busca a preservação de conhecimentos e modos de fazer presentes no cotidiano da população. O livro do Registro das Formas de Expressão busca preservar as diversas manifestações literárias, cênicas, musicais, lúdicas e plásticas. O livro do Registro da Celebração engloba uma união de manifestações presentes em rituais ou festas coletivas, muitas vezes religiosas. O livro do Registro dos Lugares engloba espaços como feiras e praças nos quais se concentram e reproduzem práticas culturais coletivas.

Em relação à esfera municipal, a Lei de Preservação foi criada no ano de 2011 e apresenta dois instrumentos principais de preservação: Tombamento e Listagem de Bens de Interesse de Preservação. Os bens materiais podem ser preservados nos dois instrumentos, enquanto os bens imateriais apenas na Listagem de Bens de Interesse de Preservação. A lei não estipula a criação de quatro livros do tomo, mas o julgamento dos valores das obras está muitas vezes presente na solicitação do tombamento do bem, encaminhado para a Secretaria de Cultura com o dossiê de estudos do bem e no parecer realizado pelo Conselho Municipal do Patrimônio Cultural de Londrina (COMPAC), no caso de o processo ser deferido.

O primeiro tombamento em nível municipal foi do edifício conhecido como antiga Casa da Criança e atual Secretaria de Cultura, realizado em 2016. No mesmo ano, a expressão “pé-vermelho” se tornou o primeiro bem imaterial inserido na Listagem de Bens de Interesse de preservação. O segundo bem tombado foi o edifício do Antigo Fórum, atual Biblioteca Municipal, em 2020.

Esta série de estudos técnicos visa embasar os próximos pareceres de encaminhamento, seja para tombamento ou inserção na Listagem de Bens de Interesse de Preservação. O conjunto de bens analisados neste projeto envolve bens materiais imóveis, como edifícios e conjuntos urbanos, e móveis, como meios de transporte, além de bens imateriais, como uma forma de expressão e lugar.

Infelizmente, durante o processo de trabalho do Projeto houve a perda prematura da arquiteta e professora Elisa Zanon, que fará imensa falta, mas deixa um legado de inspiração e gentileza. A partir do segundo estudo, as publicações ganham seu nome, como homenagem pelo esforço e dedicação ao campo do Patrimônio de Londrina.

O sexto estudo técnico realizado, o qual este boletim contempla, trata-se de um bem de interesse patrimonial imaterial: A “Feira do Cincão” de Londrina, o qual buscou compreender seus valores para o município de Londrina-PR e suas características principais que identificam sua “essência” e “caráter”.

Os Estudos foram baseados nas informações contidas na solicitação de Inserção na Listagem de Bens de Interesse de Preservação, bibliografia disponível, levantamento iconográfico, audiovisual e documental, entrevistas e

levantamentos de campo. As propostas de salvaguarda e diretrizes de preservação contidas nos estudos técnicos completos dos bens, são recomendações iniciais que podem sofrer alterações pelo Conselho Municipal do Patrimônio Cultural de Londrina (COMPAC) no Parecer Oficial e Final de Inserção na Listagem de Bem de Interesses de Preservação do bem.

Para acessar o estudo técnico completo, clicar [AQUI](#).

Feira-livre

Feira-livre: por que livres?
Aqui todos estão presos
ou nas bancas de legumes
ou na ciranda dos preços

Ninguém comete um crime
mas a freguesia lincha
os feirantes com pechinchas
e eles fogem com desculpas:

“Choveu, alface estragou...
“Não choveu, alface secou”
enquanto as frutas se culpam
ruboriza o rabanete

A cebola (grande lágrima
conforme Pablo Neruda)
ao alho suplica ajuda
para entender essa gente

E o alho (que sabe tudo)
diz: a feira é um retrato
pequeno (um três por quatro)
disso que chamam de mundo

Domingos Pellegrini, 2006.

2 A FEIRA DO CINÇÃO

Hoje é dia de feira! A experiência, marcada por um tipo de comércio variado, que proporciona além do espaço de compras, lazer, cultura e sociabilidade é bem conhecida em Londrina. A feira livre é um lugar de construção e interação, fundamental e persistente em nossa sociedade. Segundo Ana Cláudia de S. Teles Minnaert: “As feiras livres, mais que espaços de comércio, são locais que representam a dinâmica de uma sociedade em determinado momento, pois demonstram a produção local e a circulação de mercadorias” (2008. p. 130).

O fenômeno de criação de um espaço de comércio sazonal não é invenção moderna. Na Antiguidade se tem relatos de feiras livres. Também a Idade Média Ocidental é marcada por esse tipo de intervenção, e moldou muitas das características existentes nas feiras de hoje: produtos geralmente associados ao campo ou artesanais, vendidos em barracas enfileiradas em um local de circulação pública. No Brasil, embora não seja regra, o fenômeno das feiras sazonais têm preferência pelos finais de semana, com a possibilidade de os trabalhadores ganharem uma renda extra, inclusive.

Apesar de uma longa tradição bem estabelecida, as feiras livres não se submeteram às regras fixas ou regulações totalizantes, continuam como um espaço livre, onde permeiam táticas de apropriação dos espaços. Michel de Certeau (2014) fala sobre a polifonia espacial, que pode ser bem visualizada na feira livre: espaços ocupados de maneiras orgânicas, pessoas cantando, performando, passeando.

A Feira do Cincão reflete bem as características desse tipo de feira livre. Acontecendo todo domingo pela manhã, na Avenida Saul Elkind, Zona Norte de Londrina, a Feira do Cinco Conjuntos, ou Feira da Saul é considerada a maior feira livre de Londrina [Fig. 1].

Figura 1 - “Feira do Cincão”



Fonte: Os autores (2023).

São onze quarteirões ocupados, boa parte dos dois lados da importante avenida, que segue da rua Lázaro José Carias de Souza até pelo menos a rua Odilon Braga, ainda se espalhando por vias perpendiculares e arredores. Barracas, expositores, araras, lonas e até mesmo a calçada e a via são usadas para exibir produtos variados, como os tradicionais hortifrutigranjeiros, além de roupas, brinquedos, eletrônicos, etc., entre eles itens novos e usados. O espaço é ocupado ainda por performances variadas e por encontros calorosos, passeios de bicicleta ou andando, com animais de estimação, com os amigos, a família ou mesmo solitários.

Do ponto de vista comercial é possível visualizar uma divisão da feira em três categorias: a Feira do Produtor, que comercializa produtos da região, regulados pela Secretaria de Abastecimento; a Feira Hortifrutigranjeiro, que comercializa produtos vindo do CEASA, regulados pela CMTU; e a Feira de produtos novos e usados, que não tem órgão regulador e comercializa produtos de todos os tipos. Em alguns espaços essas divisões são claras, com barracas padronizadas, em outras elas se misturam. "Cada uma destas feiras conformam a identidade da Feira do Cincão, permitindo trocas socioeconômicas e criando valores não apenas funcionais, mas culturais na identidade da sociedade local e regional" (Caires; Campos; Godoi; Abe; Zanon; Wedekin; Marques e Maestro, 2023, p. 18).

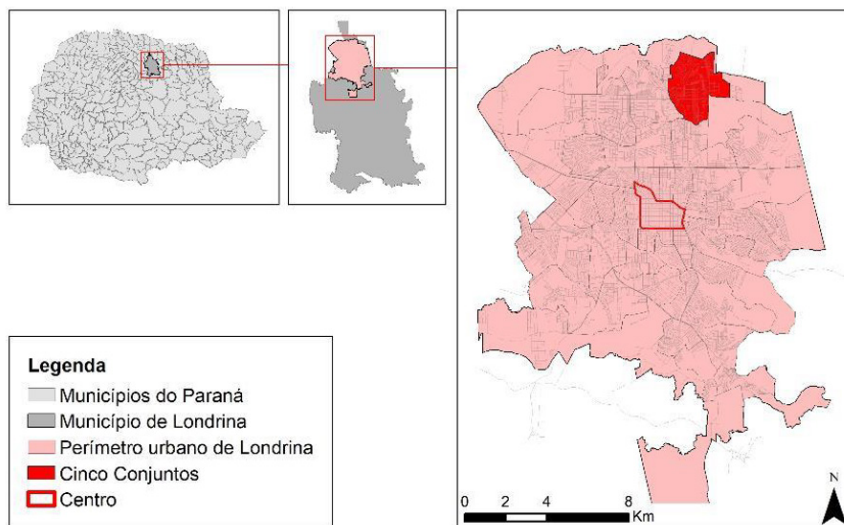
Uma das características mais marcantes desse espaço é o dinamismo. O estudo técnico demonstrou que: "As mudanças advindas do dinamismo próprio do tempo de percurso da Feira demonstram que ela está integrada à comunidade, ao seu tempo e ao seu espaço." (Caires; Campos; Godoi; Abe; Zanon; Wedekin; Marques e Maestro, 2023, p. 21-22).

Ainda que a Feira do Cincão se encaixe nessa condição de feira livre, a estrutura diversa e o público variado não permitem uma padronização da experiência e mesmo uma comparação é dificultada, pois os elementos encontrados na Feira do Cincão são muito próprios a esse espaço. Não parece ser possível compor uma linearidade sobre a Feira. Ela própria, enquanto espaço urbano, de encontro social, e de paisagem é alheia a qualquer categorização. Ainda que haja separações em relação a categorias que podem ser mais ou menos visualizadas durante a visita, essas categorias são fluidas e dinâmicas (Caires; Campos; Godoi; Abe; Zanon; Wedekin; Marques e Maestro, 2023, p. 22).

Advindo desse dinamismo, a dificuldade de relatar a história da Feira se coloca como uma lacuna, fruto de um movimento orgânico e fluido próprio à experiência vivida. Contudo, por relatos de feirantes mais antigos, acredita-se que a Feira foi montada pela primeira vez entre os anos de 1982 e 1983, com produtos locais e hortifrutis.

Ela pode ser diretamente relacionada com o início dos conjuntos residências da Zona Norte de Londrina. A região onde está localizada a Feira [Fig. 2] surge como uma iniciativa da Companhia de Habitação de Londrina (COHAB-LD), a partir da segunda metade da década de 1970.

Figura 2 - Mapa de localização da Cidade de Londrina-PR e a região do Cinco Conjuntos, no qual a feira está localizada.



Fonte: Sasaki et al. (2022).

Conhecida como Cinco Conjuntos, os bairros foram ocupados por trabalhadores do campo, oriundos do processo de êxodo rural vivenciado na cidade de Londrina na década de 1970, além de pessoas que residiam em favelas que foram realocados nas habitações populares (Silva, Moraes, Medeiros, 2016). Isso associou a região a desafios socioeconômicos, trazendo aos conjuntos habitacionais uma conotação de espaço marginalizado.

A falta de planejamento para uma estrutura urbana adequada foi campo fértil para o surgimento de uma feira. Distante do centro de comércio, os recém moradores adaptaram o local para o uso comercial improvisado. Santos afirma que a Feira: “[...] surgiu como uma forma de suprir necessidades da população residente nos conjuntos habitacionais que eram edificadas na região, tendo como principal função abastecer essa população com produtos hortifrutigranjeiros em geral [...]” (Santos, 2004, p. 57). Em entrevista com alguns comerciantes Santos aponta que:

Em relação à estrutura da feira quando a mesma começou, segundo o senhor Álvaro Silva dos Santos, a feira “tinha poucas barracas, dava para contar no dedo, não tinha camelôs nem feira do produtor”. Sem dúvida, inicialmente a feira era pequena e a presença de camelô e da feira do produtor é bastante recente, datando de meados da década de 1990 (Santos, 2004, p. 59).

O comerciante Isael Tobias de Moraes, proprietário da Relojoaria Relokind também ressaltou que “a feira era só de hortifrutigranjeiros, eram poucas

barracas, em torno de 3 quarteirões e o movimento era bom, tinha poucos sacolões" (Santos, 2004, p. 59).

Com o passar dos anos a região cresceu tanto economicamente, como do ponto de vista urbano. Muitos outros bairros foram criados na Zona Norte. A Avenida Saul Elkind tornou-se uma das principais vias econômicas, não apenas da região, mas também de toda cidade de Londrina.

Em 1989 ela foi chamada de "Higienópolis dos Pobres" na capa da Folha de Londrina [Fig. 3].

Figura 3 - Folha de Londrina, 2/01/1989.

por último, acrescenta o acougueiro Orlando Soares Proença: "Não é por falar nisso, mas a nossa avenida, aqui, dá de show na Higienópolis do Centro".

"Não é pouca a gente que frequenta a Higienópolis dos Pobres". Até uma Mercedes se encontra aqui, orgulhosa Chionita Cilere Moreno, 39, que dá de tudo da cidade aqui. É só F-100, Monza, Escort, Santana, CB, — confirma o ocupante Orlando Soares Proença, lembrando que alguns ilustres visitantes, que estão ficando a noite do centro pela alage noturna de lá. As companhias infantistas não param: "Aqui é melhor que a Higienópolis. Só falta ter a estrutura que tem lá — comenta o comerciante Vitor José Maregobelli, proprietário da lanchonete Chamará.

"É mais fácil sair de casa"

São mais ou menos 9 horas da noite. Da bare e lanchonete já estão saindo de gente: grupos de amigos, casais de namorados, famílias. "O cinco é muito melhor e mais animado que a cidade, além de ser mais econômico e mais próximo, não precisa de carro para sair e sem tem horário para voltar". Na lanchonete Chamará, o torneiro mecânico Gilmar de Oliveira Campos e sua mulher Geraldina nem pensam em voltar. Quando a gente morava na Vila

tas, apimentadas. E aqui não é todo mundo pobre não! Tem muita gente de dinheiro".

Londrina pára, a gente vem pra cá. Por 6 meses que venho pra cá toda semana". Encostado no seu ridículo "buggy", em frente à cinco Estrelas, o comerciante Moisés Aparecido Costa, 25 anos, morador da Vila Baccaro, é outro que se recusa aos encantos da Higienópolis de lá. De olho comprado nas muitas bonitas scottadas na vareta da lanchonete, Moisés vai comparando as duas avenidas: "Aqui é melhor. A Vila Jovem do Cinco vem toda pra cá. Olha só cada mentinha...". Pra arrumar namorada também é mais fácil. Lá na Higienópolis as meninas das vilas vêm barbaquinhos e mandam mais qual é da vila — comenta o comerciante, erguendo uma primeira: "Belíssima que eu vou dar uma barraca do por aí pra ver o que é que sai".

Noite dos infelizes

No meio de uma roda de meninas, adolescentes, mais companheiras. "Eu prefiro a Higienópolis da cidade. Lá tem mais variedade, outras coisas. O pessoal aqui já é meio manido e eu já carti muito isto aqui", diz uma. "Eu gosto mais daqui. E depois, vem muita gente de fora pra cá, principalmente os motoqueiros" — rebate outra. "Aqui é praticamente nessa casa. A gente se sente a vontade e não precisa ficar preocupada em

de chegar um papo. Elas só dão alguma atenção pra mim quando esse no Landaú ou na F-1000 do parão?" — ele fala desligando o papo para ir ao encontro de um grupo de inopas.

A PM dá um cima

Na Lanchonete dos Amigos, na Sol de Verão, na Chamará e na Wuel-Wendé o movimento da conversa e o sobe e desce dos copos de cerveja também é muito grande. A Higienópolis dos Pobres se abate a todo vapor. "As pessoas que frequentam aqui são 50 por cento da cidade e 50 por cento dos contantes" — calcula Gilberto Saggi, morador do bairro Acrevivo e lá quase um ano só do lanchonete Cinco Estrelas. Saggi, que em fevereiro de 1988 comprou sua parte na sociedade por 1 milhão de cruzados, garante que se abrir o bico vende por 4, Mas — se assegurar — nem por 3 milhões toga vender. "O movimento de aqui aqui é o mesmo da Avenida Higienópolis: muita gente na rua, trânsito congestionado...". — revela o comerciante.

Uma viatura policial encosta em frente. Os homens da lei já desceram botando briga pra cima de uns proloqueiros mal estacionados. "Tudo aqui se assestinha muito com a Avenida Higienópolis. Os frequentadores são mais ou menos os mesmos e as infrações que cometem aqui são as mesmas de lá: estacionamento no calçamento da pista de rolamento, sobre a calçada destinada a pedestres e tem, também, o trânsito de veículos sem placa" — informa o cabo comandante da Polícia Militar.

Uma outra scandalizada entre as motocicletas e motoqueiros, das duas avenidas é apontada pelo cabo: "Independente do local, aqui ou lá, a pessoa abordada não aceita a imposição de que vai ter seu veículo retido e sempre tenta provalor o ponto de vista próprio". Quando a viatura circula, o prestativo Edison Moraes, 23 anos, contrariando o policial, aponta uma diferença no tratamento que os homens da PM dão aos dois locais. "La eles ficam encostados num café e, quando cismam, abordam um veículo. Normalmente, quem eles pegam é o povo daqui mesmo, que sai cartir a noite por lá. E aqui eles brigam até veículo parado" — reclama o motoqueiro. "A blitz é uma boa, mas aqui eles agem com mais rigor".

Fonte: Acervo NDPH-UEL (2023).

A reportagem evidencia o tratamento pejorativo dado à região pela mídia local, mas também o crescimento e a mudança do polo econômico.

Nota-se que hoje, com a grande consolidação da Zona Norte, o entorno da área onde ocorre a Feira é composta predominantemente por comércios e serviços, com alguns lotes destinados ao uso institucional e outros para uso da Av. Saul Elkind como centralidade da região (Caires; Campos; Godoi; Abe; Zanon; Wedekin; Marques e Maestro, 2023, p. 49).

O crescimento da região refletiu também nas proporções da Feira, as grandes dimensões e o acentuado movimento são evidências da relação com a região, mais especificamente entre a avenida e a Feira. Na solicitação de inserção do bem como patrimônio cultural a conexão é ressaltada:

Quando se fala da Saul Elkind e dos produtos vendidos nela, é impossível não se lembrar da feira livre realizada nas manhãs de domingo. É a maior e mais peculiar feira livre de Londrina, se constituiu numa possibilidade de comércio e lazer da região e uma das principais referências quando se fala da Saul Elkind. Cheia dos mais variados produtos, cores e sabores, a feira da Saul se tornou uma das maiores tradições da Zona Norte, atraindo não apenas moradores da região, como de toda a cidade (Solicitação, [202-]).

3 AS VÁRIAS FEIRAS

Aquilo que é conhecido como a Feira do Cincão abrange toda a extensão ocupada pelos feirantes. Ainda que haja uma divisão do ponto de vista comercial é a intersecção das categorias – Feira do produtor, Feira de hortifrutigranjeiro e Feira de produtos novos e usados – que resulta na peculiaridade da Feira do Cincão. As várias feiras funcionando em conjunto, com seus conflitos e acordos é o que faz a identidade da Feira do Cincão.

Contudo, também na conformidade da Feira é possível visualizar diversas camadas que a identificam. A seguir exploramos um pouco de cada uma delas.

a) Urbana

Do ponto de vista urbano, a Feira constrói sua identidade a partir da localização que ela ocupa. Sua ligação com a região é bastante acentuada: ela leva seu nome, e se desenvolve como reflexo das vivências locais [Fig. 4], acentuada pela importância histórica da Avenida Saul Elkind para o desenvolvimento da Zona Norte de Londrina.

Nota-se que hoje, com a grande consolidação da Zona Norte, o entorno da área onde ocorre a Feira é composta predominantemente por comércios e serviços, com alguns lotes destinados ao uso institucional e outros para equipamentos públicos, localizados em grandes lotes, tendo em vista o uso da Av. Saul Elkind como centralidade da região (Caires; Campos; Godoi; Abe; Zanon; Wedekin; Marques e Maestro, 2023, p. 49).

Figura 4 - Mapa de uso do entorno da Feira do Cincão.



Fonte: Os autores (2023)

Assim, a região da Feira não está atrelada apenas ao comércio sazonal. Para além da própria Feira, a Avenida possui uma importante infraestrutura com comércios fixos, equipamentos públicos, área de lazer, possibilitando um grande fluxo de pessoas e veículos.

Sabe-se também que atualmente a Feira ocupa onze quarteirões dessa avenida, no entanto, é possível observar uma extensão em pelo menos mais 3 quadras. Apesar da fluidez, principalmente dos produtos novos e usados, uma certa divisão pode ser observada [Fig. 5].

Figura 5 - Situação atual-set/2023- distribuição das barracas. Feira livre (azul), Feira de Produtos novos e usados (roxo) e Feira do Produtor (rosa).



Fonte: Os autores (2023).

Essa configuração é bastante recente, até o ano de 2014 há relatos de que a Feira ocupava apenas uma das vias, deixando o outro lado da Avenida aberto para circulação de veículos [Fig. 6].

Figura 6 - Imagem aérea da Feira em apenas uma via.



Fonte: Feira, Facebook (2023).

Com a pandemia de COVID-19, o necessário distanciamento social trouxe como alternativa a expansão da Feira para o outro lado da Avenida, o que resultou em uma importante melhoria na circulação e na segurança dos usuários.

A estrutura geral da Feira carece de lixeiras, e de banheiros. Durante a visita, em setembro de 2023, foram verificados apenas quatro banheiros químicos: dois localizados no canteiro central da avenida [Fig. 7] e dois na praça do Centro Esportivo Maria Cecília [Fig. 8].

Figura 7 - Banheiros químicos.



Fonte: Os autores (2023)

Figura 8 - Banheiros químicos.



Fonte: Os autores (2023).

A camada urbana da Feira, destaca aqui por sua localização e configuração na via, reforça sua relação com a região Norte de Londrina, e demonstra a dimensão espacial como um importante valor da Feira do Cincão.

b) Arquitetônica

As características arquitetônicas da Feira do Cincão são marcadas por estruturas cambiantes ou espontâneas. A diversidade é visualizada em meio às tradicionais condições visualizadas em uma feira livre.

O perfil da Feira do Cincão é composto por quatro camadas principais: espaço de circulação de pedestres, implantação das barracas com estruturas cambiantes, área de circulação e passeio próximo aos comércios e edifícios com comércio local (Caires; Campos; Godoi; Abe; Zanon; Wedekin; Marques e Maestro, 2023, p. 63).

Ao fundo da Feira, os edifícios de comércios locais, como supermercados, açougues, sacolões, farmácias, e comércios variados ficam abertos, se aproveitando do fluxo de pessoas [Fig. 7]. Observa-se que: "A mescla das barracas da Feira com o comércio local é fluída, muitas vezes as informações dos produtos comercializados se misturam criando a percepção de uma feira de produtos ainda maior" (Caires; Campos; Godoi; Abe; Zanon; Wedekin; Marques e Maestro, 2023) [Fig. 8].

Figura 7 – Supermercado.



Fonte: Os autores (2023).

Figura 8 - Barraca da Feira em primeiro plano e placas do comércio local ao fundo.



Fonte: Os autores (2023).

Na camada das barracas é possível ver diversas estruturas diferentes. Na Feira de hortifrutigranjeiros, os produtos principais são frutas, legumes e verduras que ficam expostos em mesas de madeira suportadas por cavaletes [Fig. 9].

Figura 9 - Algumas barracas da Feira Livre de Hortifrutigranjeiros.



Fonte: Os autores (2023).

As barracas ficam alinhadas e de forma ritmada do lado Sul das primeiras cinco quadras. Os tamanhos das barracas acompanham medidas aproximadas que variam de aproximadamente 2,00 x 3,00 metros a 3,50 x 5,00 metros.

Com relação à materialidade, nota-se que não há um padrão nas cores, materiais ou tamanho. As barracas são em grande maioria cobertas, geralmente em lona. Em algumas, a estrutura para essas coberturas é feita com ripas de madeira, em outras, são utilizadas barracas pré-fabricadas. Muitas vezes, os feirantes se utilizam dos elementos urbanos como postes, placas, dentre outros, para montar a estrutura da barraca (Caires; Campos; Godoi; Abe; Zanon; Wedekin; Marques e Maestro, 2023, p. 82-83).

As barracas da Feira do Produtor são um grande diferencial na Feira, por serem padronizadas e estarem juntas em uma única quadra, elas se destacam enquanto um conjunto um pouco mais homogêneo que o restante da Feira [Fig.10].

Figura 10 - Feira do Produtor.



Fonte: Os autores (2023).

Todas elas possuem estrutura metálica e, dessa forma, apresentam o mesmo tamanho, de aproximadamente 3,00 x 2,00 metros. Além disso, são cobertas e vedadas lateralmente por uma lona verde. Os produtos vendidos se resumem a vegetais, frutas, plantas, animais vivos e demais produtos produzidos e cultivados pelos próprios feirantes (Caires; Campos; Godoi; Abe; Zanon; Wedekin; Marques e Maestro, 2023, p. 97).

Na parte da Feira que possui produtos novos e usados, os expositores se tornam muito mais diversos e espontâneos. Há barracas de lona, bancas, mesas, e até veículos e espaços da calçada são usados como expositores [Fig. 11 a 13].

Figura 11 - Feira de produtos novos e usados.



Fonte: Os autores (2023).

Figura 12 - Produtos da Feira de produtos novos e usados.



Fonte: Os autores (2023).

Figura 13 - Produtos da Feira de produtos novos e usados.



Fonte: Os autores (2023).

A arquitetura da Feira do Cincão trabalha a partir de uma base comum de feira livre, mas se expande em uma marcante diversidade, possibilitando espaços que podem ser mais ou menos padronizados. Assim a Feira do Cincão também tem exposta a identidade da região.

c) Humana

A Feira do Cincão se constitui também enquanto espaço de encontros humanos. São comerciantes e visitantes que estabelecem inúmeras relações, comerciais, de amizade, de convivência [Fig. 14].

[...] é perceptível que existem áreas com maior concentração de pessoas e outras, com menor movimento, isso se deve as proporções e a distribuição espacial. As interseções entre as vias criam um maior acúmulo de visitantes e comerciantes. Na extremidade Oeste nota-se que há um menor fluxo de pessoas, devido à circulação de veículos. Em trechos onde a Feira se organiza de modo mais fluido, além dos seus limites oficiais na Av. Saul Elkind, há uma aglomeração considerável. Além disso, na extremidade Leste, onde existem menor quantidade de barracas, em especial no sentido Norte da via, nota-se uma menor presença de visitantes (Caires; Campos; Godoi; Abe; Zanon; Wedekin; Marques e Maestro, 2023, p. 69).

Figura 14 - Relação Espaço x Visitantes.



Fonte: Os autores (2023).

Entre os vários visitantes, nota-se um maior público idoso no começo da manhã, e a partir das 9:30 grupos de famílias e jovens também passam a frequentar a Feira. Em entrevista um casal de Cambé informou que vem até a Feira a passeio, sempre que pode.

O público reclama da falta de banheiros, da ciclovía, compartilhada por bicicletas e pedestres, com risco de acidentes e do alto gabarito da ciclovía, dificultando atravessar de uma via para outra. Mas, muitos relatam que o espaço familiar garante um local de lazer, e interação, e que os bons preços praticados e a grande variedade de produtos são importantes atrativos.

Da parte dos comerciantes observou-se um apreço pelo trabalho, muitos deles são feirantes antigos, que trabalham em outras feiras da cidade. Há também recém-chegados, com barracas montadas há poucos meses, que relatam que apesar das dificuldades do trabalho, há muito prazer em estar nesse espaço.

Também se encontra pessoas performando. Vestidas de personagens da cultura pop como Elvis Presley, Michael Jackson e Chaves [Fig. 15], que caminham entre os transeuntes, animando olhares curiosos e divertindo quem os interpola. Tiram fotos, fazem poses, “passam o chapéu”, ocupando o espaço da feira.

Figura 15 - Pessoa vestida de Chaves.



Fonte: Os autores (2023)

4 A FEIRA DO CINÇÃO E O PATRIMÔNIO

A Feira do Cincão, ainda que tenha um endereço físico, acontece sazonalmente, e apresenta aspectos imateriais proeminentes. Assim, dentro no campo do Patrimônio ela pode ser identificada como um Patrimônio Cultural Imaterial, principalmente no domínio “Práticas sociais, rituais e eventos festivos”. A Unesco define essa categoria como:

[...] são atividades habituais que estruturam a vida das comunidades e dos grupos, e às quais um grande número dos seus membros está vinculado e participa. Esses elementos são importantes porque reafirmam a identidade de quem os pratica como grupo ou sociedade e, sejam praticados de forma pública ou privada, estão intimamente ligados a acontecimentos importantes. As práticas sociais, rituais e eventos festivos podem ajudar a marcar a passagem das estações, momentos do calendário agrícola ou períodos da vida humana. Estão intimamente ligados à visão de mundo de uma comunidade e à sua percepção da sua história e memória. Estas podem variar desde pequenas reuniões até celebrações e comemorações sociais em grande escala (UNESCO, 2003).

No âmbito do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), a Feira do Cincão pode ser relacionada, com as devidas proporções, à Feira de Caruaru, que está inscrita no Livro de Registro dos Lugares, desde 2006. A Feira de Caruaru tem proporções diferentes e particularidades regionais que a diferenciam da Feira do Cincão, no entanto, ela é um exemplo de como a área de Patrimônio tem considerado as Feiras.

Segundo o estudo da Feira do Caruaru, as feiras têm valor enquanto Lugar associados à cultura tradicional, e a conservação da memória de práticas socioeconômicas e culturais, além de apresentarem uma evidência das redes de sociabilidades.

Seja pela permanência de elementos de nossa cultura tradicional, pela sua continuidade expressa em muitas situações; seja por conservar a memória viva de práticas socioeconômicas e culturais que fazem parte da formação de uma sociedade; seja pelas redes de sociabilidade ensejadas por essas práticas, vivenciadas na Feira e a partir da feira... (IPHAN, 2006, p. 90).

Ainda que as duas Feiras tenham peculiaridades distintas, elas conservam alguns dos valores patrimoniais que são fundamentais.

Guardadas as devidas proporções, algumas expressões de práticas socioeconômicas presentes no dossiê da Feira de Caruaru também podem ser percebidas na Feira do Cincão, tais como: Feira de Confecção Popular de Artigos de Cama, Mesa e Banho, Feira de Ervas Medicinais, Feira das Flores e Plantas Ornamentais, Feira das Ferragens, Feira das Frutas e Verduras, Mercado de Carnes (no caso da Feira do Cincão, na própria feira), Mercado da Farinha (no caso da Feira do Cincão na própria feira), Feira de troca-troca

(com comércio de produtos usados) e Feira dos Importados (Caires; Campos; Godoi; Abe; Zanon; Wedekin; Marques e Maestro, 2023, p. 17).

Dessa forma, o estudo técnico sobre a Feira do Cincão, junto a seu futuro registro como Patrimônio Cultural Imaterial de Londrina, apresenta uma perspectiva que aprimora as relações entre esses espaços e o Patrimônio. A diversidade e o dinamismo da Feira do Cincão, junto aos valores de memória, culturais e socioeconômicos são elementos expressivos da sociedade de Londrina.

REFERÊNCIAS

Caires; Campos; Godoi; Abe; Zanon; Wedekin; Marques e Maestro. **Feira do Cincão - Feira Livre Da Av. Saul Elkind Zona Norte**. Estudos patrimoniais Elisa Zanon n.6. Londrina, 2023.

CERTEAU, Michel. **A Invenção do Cotidiano: Artes de Fazer**. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

FEIRA. **Facebook Feira do Cincão**. Disponível em: https://www.facebook.com/feiradocincao/?paipv=0&eav=Afbyclujr-6Jpk7Q1O7DBkYIFcTXZL51N9T55qP48pUc9LX64eapFWiGIKzaUqVtJ_g&_rdr. Acesso em set./2023.

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). **Dossiê IPHAN 9 {Feira de Caruaru}**. Brasília, DF: IPHAN, 2009. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/dossie9_feiradecaruaru.pdf . Acesso em: 19 set/ 2023.

MINNAERT, Ana Cláudia de S. Teles. A feira livre sob um olhar etnográfico. In: FREITAS, Maria do Carmo Soares de; FONTES, Gardênia Abreu Vieira; OLIVERIA, Nilce de. **Escritas e narrativas sobre alimentação e cultura** [online]. Salvador: EDUFBA, 2008. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/9q>. Acesso em: 19 de set. 2023.

PELEGRINI, Domingos. Feira-livre. In: **Londrina: olhar da alma**. Londrina: Midiograf, 2006.

SANTOS, Andréa Rodrigues dos. **A Feira da Saul Elkind**. 2004. 123f. Monografia (Curso de Geografia) - Universidade Estadual de Londrina. Londrina. 2004.

SILVA, Bruno Sanches Mariante da; MORAES, Daniela Reis de e MEDEIROS, Talita Sauer. **Essa rua tem História: memória e sociabilidade na Avenida Saul Elkind**. Londrina: Unifil, 2016.

SOLICITAÇÃO de Inscrição de Bem Cultural. **Prefeitura Municipal de Londrina**. [20- -].

United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (UNESCO) - **Intangible Heritage domains in the 2003 Convention**. 2003. Disponível em: <https://ich.unesco.org/en/intangible-heritage-domains-00052> Acesso em: 24 set. 2023.

ASAM

O Museu de Londrina, como tantos outros, conta com a atuação da Asam (Associação Amigos do Museu) para o cuidado deste espaço, desde a conservação predial até a expansão de acervos. A Asam é uma associação jurídica privada, sem qualquer finalidade lucrativa, que objetiva a promoção da cultura, defesa e conservação do patrimônio histórico do Museu Padre Carlos Weiss. Com sede e foro na cidade de Londrina/Pr, tem Inscrição Estadual Isenta, CNPJ/MF 01.192.562/0001- 47, Utilidade Publica Municipal Lei 10.882 de 24/03/2010 e Utilidade Pública Estadual Lei 12.198, de 15/07/1998. Foi fundada em 18 de maio de 1995. Uma vez que o Museu Histórico se caracteriza como instituição pública, vinculada à Universidade Estadual de Londrina, a Asam, pela sua constituição jurídica e independência é a responsável por captar recursos externos para a manutenção e conservação de acervos e preservação da estrutura predial.

NORMAS PARA PUBLICAÇÃO

O artigo deverá apresentar as seguintes normas:

1. Inédito;

- Título
- Autor(es) com identificação da instituição a que pertence em nota de rodapé;
- Resumo - máximo 50 palavras;
- Palavras-chave até 6 palavras;
- Texto com no mínimo 5 e no máximo 10 páginas (Word for Windows e fonte Times New Roman, tamanho 12, entre-linhas 1,5 e margem 3,0 cm), ou
- Texto com tema único, no mínimo 30 e no máximo 40 páginas;
- Referências bibliográficas seguindo normas da ABNT (contendo somente obras citadas no texto);
- Os textos deverão ser enviados para o e-mail bibmuseu@uel.br, com carta de autorização de publicação anexa ao e-mail.

2. Caso o artigo seja resultado de pesquisa financiada, esta deverá ser mencionada em nota de rodapé.

3. Nome completo do(s) autor(es) e seus dados em nota de rodapé.

4. As fotografias, imagens (quando houver) deverão vir no formato digital JPEG, 300 dpi de resolução, com legendas e com indicação do local a ser inserido no texto. As fontes deverão ser devidamente mencionadas e autorizadas, respeitando a legislação em vigor.

Contato Museu Histórico de Londrina
Fone: (43) 3371-1975 | bibmuseu@uel.br

EQUIPE TÉCNICA DO MUSEU HISTÓRICO DE LONDRINA

Diretoria Acadêmica

Prof^a Dr^a Edméia Ribeiro

Secretaria

Edeni Ramos Vilela

Expografia

Amauri Ramos da Silva

Residência

Carlos Eduardo da Silva Carvalho

Design

Marina dos Santos Galli

Equipe

Alex Pereira; Amauri Ramos da Silva; André Luís da Silva;
Mariana Lopes dos Santos Borges; Neiva Lemes Albrecht Batista;
Vanessa Andreia Borela Ferreira

Estagiários

Daniele Caroline Antunes; Gabriel Arantes Corrêa; Giovanna de Lima Avelino;
Julia Piovesan; Júlia Oliveira Cebulski; Letícia Moraes; Karolina Cristina Corbani
Guimarães Bueno; Pedro Henrique Ferreira; Rafaela Menezes de Moura; Thiago
Teixeira Carlos; Vitor Marroni Fortuna

MUSEU HISTÓRICO DE LONDRINA

Rua Benjamin Constant, nº 900 - Centro, Londrina - PR CEP 86010-350 |
Tel (43) 3371-1975 | museu@uel.br | <https://sites.uel.br/museu/>

Redes Sociais do Museu Histórico de Londrina



[Instagram Museu Histórico de Londrina](#)



[Facebook Museu Histórico de Londrina](#)



[Canal do Youtube Museu Histórico de Londrina](#)



[Tiktok Museu Histórico de Londrina](#)

